

AS RAÍZES MARXISTAS DO PENSAMENTO DE VIGOTSKI: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

MARXIST ROOTS OF VIGOTSKY'S THOUGHT: THEORETICAL CONTRIBUTIONS TO THE CULTURAL-HISTORICAL PSYCHOLOGY

*Fernando Dala Santa*¹

*Vivian Baroni*²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal uma rápida retomada dos pressupostos básicos do marxismo e a sua identificação com a Teoria histórico-cultural, em especial com o pensamento de Lev Semionovich Vigotski. A chave para a compreensão das teorias de Vigotski está nos princípios marxistas, cuja contribuição vai muito além da influência formal que emana da sua condição ideológica. Vigotski apreendeu o método dialético marxista, da mesma forma em que incorporou e desenvolveu alguns dos seus objetivos e princípios teóricos (os conceitos de mediação e atividade, por exemplo), necessários para o desenvolvimento de uma psicologia de cunho científico, que teria um profundo impacto nas concepções educacionais contemporâneas. Tentar separar a obra de Vigotski da influência do marxismo é subestimar as suas escolhas metodológicas e, acima de tudo, desrespeitar as suas convicções teóricas e inclinações ideológicas.

Palavras chave: Vigotski. Marxismo. Psicologia. Teoria Histórico-cultural.

Abstract: This article has as main objective rapid resumption of the basic assumptions of Marxism and its identification with the cultural-historical theory, especially with the thought of Lev Semionovich Vygotsky. The key to understand the theories of Vygotsky's Marxist principles, whose the contribution goes far beyond the formal influence that came from its ideological condition. Vygotsky learned the Marxist dialectical method, as it incorporated and developed some of the theoretical principles and goals (the concepts of mediation and activity, for example) required for the development of a psychology of a scientific nature, which would have a strong impact on contemporary educational concepts. Trying to separate the work of Vygotsky the influence of Marxism it's underestimate its methodological choices, and above all to disrespect their beliefs theoretical and ideological inclinations.

Keywords: Vygotsky. Marxism. Psychology. Cultural-historical Theory.

* * *

¹ Filósofo, Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da FAED/UPF, mediante Bolsa FAPERGS/CAPES. Integra o Núcleo de Pesquisa em Filosofia e Educação (NUPEFE) da Universidade de Passo Fundo. E-mail: fernandos.101@hotmail.com.

² Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da FAED/UPF. Bolsista CAPES. Integra o Núcleo de Pesquisa em Filosofia e Educação (NUPEFE) da Universidade de Passo Fundo. E-mail: vivianbaroni@hotmail.com.

1. Considerações iniciais

Ao analisarmos o pensamento de um autor é impossível desvinculá-lo do contexto ao qual estava inserido, tampouco isentá-lo da influência intelectual que o constitui. Quando nos referimos a uma figura ímpar como a de Vigotski³ é necessário mantermos como horizonte a conjuntura intelectual e sócio-política a que ele se vincula, sob pena de cometermos imperdoáveis equívocos. Dessa forma, consideramos essencial uma reflexão sobre os aportes marxistas para as pesquisas desenvolvidas no âmbito da Teoria Histórico-Cultural, especialmente as empreendidas por Vigotski.

A filosofia de Marx e Engels ao inverter o modelo dialético hegeliano, estabelecendo como causas do desenvolvimento histórico as condições materiais de existência e não mais as ideias, permitiu uma guinada nas pesquisas antropológicas, pavimentando o caminho para o estudo dos fenômenos psicológicos. Vigotski, tanto pela sua localização espaço-temporal (na Rússia dos primeiros anos da revolução bolchevique), quanto pela sua formação intelectual, foi profundamente influenciado pelas ideias de Marx, deixando transparecer suas inclinações ao longo das pesquisas que realizou.

Vigotski não foi um teórico do marxismo, mas um pensador marxista. Essa sutil diferença representa um fator determinante dentro da sua configuração intelectual, na medida em que o pensamento marxista representava o substrato teórico sobre o qual Vigotski construiu a sua psicologia, mas não os limites aos quais ela estava circunscrita. O materialismo histórico-dialético, entendido como método mais coerente de leitura da realidade em seu desenvolvimento histórico, representou para Vigotski uma importante ferramenta na tarefa de estabelecer um modelo científico de estudo dos fenômenos psíquicos.

A proximidade entre o marxismo e as concepções advindas da teoria histórico-cultural pode ser comprovada através da discussão acerca do conceito de trabalho, abordado por Marx e Engels e que foi retomado por Vigotski a partir da ideia de mediação. A ação consciente do homem sobre o mundo, mediada pelo uso de instrumentos, representou o passo decisivo em direção à gênese do caráter genuinamente humano do

³ Embora existam várias possíveis grafias (Vygotsky, Vygotskiou mesmo Vygotskij), no presente texto optamos por padronizar o uso de Vigotski, exceto em caso de citação direta.

homem. Vigotski estendeu essa concepção de mediação ao uso de signos, que a exemplo das ferramentas são criados pelas sociedades, agindo como transformadores da realidade sociocultural. A transmissão da cultura, tanto no que se refere à esfera das ferramentas materiais, quanto aos elementos linguísticos e estético-culturais, representa o fator decisivo no desenvolvimento humano, de onde pode-se inferir a importância do problema educacional para a compreensão do pensamento vigotskiano.

Entretanto, várias décadas após a morte de Vigotski, um número considerável de pesquisadores se esforçam (sem qualquer legitimidade) por separar as suas teorias da inegável influência exercida pelo pensamento marxista, ao mesmo tempo em que objetivam aproximá-lo de correntes de pensamento incompatíveis com as suas perspectivas e convicções teóricas. A substituição do que Vigotski efetivamente escreveu por reinterpretações e edições resumidas ou censuradas (DUARTE, 2000a), apenas facilita a aceitação da paradoxal situação de dar ênfase às pesquisas de um pensador soviético no âmbito do capitalismo globalizado. Essa iniciativa extremamente tendenciosa revela não somente um profundo desconhecimento em relação ao marxismo e, conseqüentemente, o preconceito gerado pela apressada e leviana associação com os abusos cometidos pelas distorções empreendidas em nome do “socialismo real”; mas também um desrespeito com a própria teoria de Vigotski.

2. Caracterização geral do marxismo⁴ e o problema da distorção de seus princípios básicos

O pensamento filosófico de Marx, que não se restringe à filosofia, mas abrange, sobretudo, os campos da história, da ciência política e da economia (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2006, p. 224), se desenvolveu a partir da crítica à filosofia hegeliana e à tradição racionalista, cujas concepções entendiam as ideias não como representações abstratas de uma realidade concreta, mas como a própria realidade. Todavia, a grande contribuição da filosofia de Hegel para o pensamento de Marx foi o método dialético. A

⁴ Termo que designa o pensamento de Karl Marx e de seu principal colaborador, Friedrich Engels. Embora seja uma tradição sincrética que fomenta interpretações e linhas de ação distintas, no presente texto sempre que utilizarmos o termo marxismo estaremos aludindo diretamente ao pensamento de Marx.

dialética hegeliana representa o movimento racional que permite a superação de uma determinada contradição, em que cada etapa nega e supera a anterior em um processo contínuo. Dessa forma, a uma tese (um determinado estado de coisas) contrapõe-se uma antítese (negação do estágio inicial), cujo resultado é a síntese, que carrega elementos das duas instâncias anteriores, e que se transmuta em uma nova tese dando continuidade ao processo. Para o idealismo hegeliano a história poderia ser concebida como uma sucessão de momentos, levada a cabo somente através da oposição ao momento precedente em uma contínua marcha da razão, sendo que o sujeito histórico é abstrato, é o “sujeito em si”. Todavia, esse modelo de análise da realidade não era capaz de abarcar as instâncias concretas da vida social, mantendo-se circunscrita ao domínio das ideias.

Marx toma para si o modelo dialético, invertendo, porém, a sua estrutura ao estabelecer que as causas do devir histórico eram materiais, ou seja, sociais, econômicas e produtivas. Marx desenvolve a pragmática concepção de que a existência determina a consciência, da mesma forma como supera o determinismo subjacente ao materialismo tradicional de Feuerbach, que também havia influenciado o seu pensamento. Estabelece o que ele chama de “naturalismo consistente ou humanismo” que se difere tanto do idealismo quanto do materialismo, “constituindo ao mesmo tempo a sua verdade unificadora” (MARX, 2006, p. 182). A esse método de análise da realidade, pautado em um constante devir cujas raízes são as condições materiais de existência, convencionou-se chamar de materialismo histórico-dialético: a sociedade está estruturada a partir das relações econômicas correspondentes a cada período histórico, cuja evolução se desenvolve dialeticamente. Tal concepção da história implica a necessidade de uma reformulação radical das perspectivas socialistas, ainda carentes de uma fundamentação científica. Marx critica o socialismo utópico de Proudhon – que acreditava em uma evolução espontânea da sociedade – opondo-lhe a ideia de que a efetividade do socialismo dependeria da ação decisiva do proletariado enquanto classe revolucionária: o proletariado é o coração da emancipação (MARX, 2006, p. 59).

O motor da história seria, portanto, a luta de classes, ou seja, a história se move pelo antagonismo entre as classes sociais de cada período histórico. A passagem de um modo de produção⁵ para outro acontece quando o nível de desenvolvimento das forças produtivas

⁵ Modo de produção é a maneira pela qual se organiza a produção material.

entra em contradição com as relações sociais de produção. Assim se deu no sistema escravista, com a oposição entre senhores e escravos; no feudalismo entre senhores feudais e servos e no capitalismo entre burguesia e proletariado. Segundo Marx, o capitalismo, através das próprias contradições, geradas no seio da sua organização, inevitavelmente viria a ruir, dando lugar a um estágio intermediário, a “ditadura do proletariado”, posteriormente substituída pelo comunismo, em cuja organização não haveria classes sociais e nem Estado, sendo abolida a propriedade privada dos meios de produção. O comunismo representaria o momento histórico em que trabalho poderia surgir novamente como elemento emancipador no qual o homem se autoproduz pela sua ação livre e consciente sobre a realidade.

Entretanto, distorções, incompreensão ou simplesmente a ignorância acerca dos conceitos fundamentais do marxismo acabam por erigir uma barreira aparentemente indelével, cuja transposição se mostra necessária para uma apreensão teórica consistente e livre de preconceitos⁶. O primeiro grande equívoco, e talvez o mais disseminado, se refere à errônea interpretação do “materialismo” de Marx, que se manifesta sob a alegação de que para o marxismo a suprema motivação psicológica do homem seria a satisfação das suas necessidades materiais básicas; negligenciando o valor do indivíduo ao negar as suas instâncias cultural, espiritual e estética, tornando-o, por fim, um autômato sem personalidade. Fromm (1979, p.15) destaca que a imagem popular do materialismo marxista em sua tendência antiespiritual e desejo pela uniformidade e subordinação é inteiramente falsa: “a meta de Marx era a emancipação espiritual do homem, sua libertação dos grilhões do determinismo econômico, sua reintegração como ser humano, sua aptidão para encontrar unidade e harmonia com seus semelhantes e com a natureza”.

Paralelamente a essa interpretação tacanha do materialismo marxista aparece a contraditória crítica ao caráter utópico do socialismo, que não reconheceria o desejo por ganhos materiais ou a possibilidade de “ascensão social” como os únicos incentivos eficazes para o homem trabalhar. Com efeito, acusa-se o marxismo, sob um mesmo ponto de vista, ora de excessivamente materialista, ora de ingenuamente utópico. Ou seja, as razões que levam a considerar que a concepção da história intrinsecamente ligada às questões materiais de existência é incompatível com a tradição religiosa e espiritual do

⁶ Não obstante as críticas que Marx recebia, o desconhecimento acerca da sua obra era tamanho no ocidente que a primeira versão inglesa dos *Manuscritos econômicos filosóficos*, a sua principal obra filosófica, foi publicada somente em 1959, a partir de uma tradução russa.

ocidente, são paradoxalmente as mesmas utilizadas para sustentar que o sistema capitalista corresponde à natureza humana (centrada na busca por ganhos materiais), e que, portanto, o capitalismo se mostra superior ao socialismo “visionário” (FROMM, 1979, p.16).

Outra razão central para o problema das interpretações equivocadas acerca do marxismo, sem dúvida, se deve às deturpações ocorridas nos países socialistas, que tentaram convencer o mundo de que suas práticas correspondiam fielmente às teorias de Marx. No entanto, ao contrário do sistema vislumbrado por Marx, o “socialismo real” não libertou o homem das cadeias do determinismo econômico, nem o fez vencer a alienação, mas o tornou submisso a um Estado centralizador e burocratizado. A ditadura *do* proletariado na verdade se mostrou uma rígida ditadura *sobre* o proletariado e a exploração do homem pelo homem foi substituída pela exploração do homem pelo Estado. Portanto, a direta e leviana associação de Marx aos abusos cometidos nos países “comunistas” não pode ser sustentada racionalmente, pois o que se viu nessas nações não lembra em nada a essência do marxismo. É possível afirmar que o socialismo real, pelas suas contradições, não passava de uma versão piorada de capitalismo.

3. A herança marxista de Vigotski: o método dialético

Lev Semionovich Vigotski realizou seus estudos universitários em direito, filosofia e história e, embora nunca tenha recebido educação formal em psicologia, forjou, ao lado dos psicólogos russos Alexander Luria e Alexei Leontiev, uma das mais fecundas e paradigmáticas teorias psicológicas. Os estudos de Vigotski estavam indubitavelmente na vanguarda das pesquisas em psicologia, objetivando a análise dos processos de transformação do desenvolvimento humano nas suas dimensões filogenética, ontogenética e histórico-cultural. Rivière (1985, p. 11) afirma que o pensamento de Vigotski foi de tal forma revolucionário que em alguns aspectos ainda mantém a sua atualidade, enquanto em outros se encontra mesmo a frente do nosso tempo.

Os estudos de Vigotski estão impregnados de elementos do marxismo, porém, nada seria mais errôneo do que enquadrá-lo entre os seus teóricos ideológicos. A relação estabelecida entre Vigotski e a teoria marxista, alçada ao posto de elemento norteador de todo o pensamento soviético, nunca se deu na forma de uma adequação intelectual.

Vigotski era, acima de tudo, um pensador marxista, ou seja, utilizava os princípios marxistas como elementos de análise da realidade, sem nunca se deixar seduzir pela dogmática pretensão de subordinar toda a realidade a esses princípios. Rivière (1985, p. 16) aponta o fato de que a familiaridade de Vigotski com a dialética como método, bem como com os fundamentos essenciais do pensamento marxista, o impediu de desenvolver uma atitude reverencial como a imposta pelo stalinismo.

Vigotski empreendeu a sua relação com o marxismo a partir do contato com os textos de Hegel, Marx e Engels, ocorrido antes mesmo de iniciar seus estudos universitários. É possível inferir, a partir disso, que Vigotski encarava o marxismo como uma ferramenta de pensamento, um subsídio indispensável na composição das suas teorias. Estabeleceu, a exemplo de Marx, o homem como ser histórico, sujeito ativo na construção de si mesmo e da própria história, negando o dogma stalinista do homem enquanto produto das circunstâncias. Essa perspectiva objetivava a constituição de um modelo de pesquisa psicológica centrado em um estatuto científico, que, no entanto, não se resumia à formatação das pesquisas empíricas ao universo dos princípios marxistas; “ao contrário do estereótipo dos intelectuais soviéticos que se apressam a fazer as suas teorias de acordo com a mais recente interpretação do marxismo elaborada pelo *Politburo*⁷” (COLE & SCRIBNER, 1991, p. 7).

A efervescência científica observada nos anos que se seguiram à revolução russa estava presente no âmbito da psicologia soviética através da antagônica relação entre diferentes escolas, cujas explicações representavam sempre contribuições parciais ao estudo dos fenômenos psicológicos. Vigotski acreditava que nenhuma das escolas de psicologia então existentes, pelas suas próprias limitações teórico-metodológicas, seria capaz de abarcar a complexidade de elementos postos em jogo nos estudos psicológicos e, por essa razão, suas pesquisas buscavam a formulação de uma síntese das concepções antagônicas a partir de novas bases teóricas. Behavioristas⁸ e gestaltistas⁹ cindiam a psicologia em duas esferas aparentemente irreconciliáveis,

⁷ Do russo *Politicheske Byuro* (Gabinete de Política), representava o comitê executivo do Partido Comunista na URSS.

⁸ O *behaviorismo* é o método psicológico experimental que consiste em realizar estudos científicos em homens e animais, limitando-se à investigação do seu comportamento como resposta a um estímulo externo, extraindo daí as leis que os reúnem, sem qualquer referência à consciência (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2006, p. 28).

um ramo com características de uma “ciência natural” que poderia explicar os processos elementares sensoriais e reflexos, e um outro com características de uma “ciência mental”, que descreveria as propriedades emergentes dos processos psicológicos superiores. O que Vygotsky procurou foi uma abordagem abrangente que possibilitasse a descrição e a explicação das funções psicológicas superiores, em termos aceitáveis para as ciências naturais (COLE & SCRIBNER, 1991, p. 6).

Vigotski afirmava que a corrente “reflexologista”, cujas concepções aparentemente excluía aspectos psíquicos, conduzia a um materialismo puro e assim ao enfoque implícito de um idealismo dualista na esfera geral do problema das relações entre mente e matéria. Acreditava, no entanto, ser possível o estudo das funções psicológicas superiores sem sair dos limites da reflexologia, desde que partisse da ideia de consciência como mecanismo de transmissão de reflexos (RIVIÈRE, 1985, p. 27).

Para a construção de uma psicologia verdadeiramente científica, “Vigotski entendia ser necessária uma teoria que realizasse a mediação entre o materialismo dialético, enquanto filosofia de máximo grau de abrangência e universalidade, e os estudos sobre os fenômenos psíquicos concretos” (DUARTE, 2000b, p. 80). Assim, tendo como base o método dialético, Vigotski pretendeu identificar as mudanças qualitativas do comportamento que se sucedem no decorrer do desenvolvimento biológico e a relação que ele estabelece com o contexto social, tendo suas atenções voltadas para o estudo das funções psicológicas superiores, típicas da espécie humana. Nas palavras de Rivière (1985, p. 16), a dialética não era para Vigotski um dogma ou um catecismo, mas simplesmente a estrutura mesma do seu modo de pensar, quase tão natural quanto a respiração, tanto que compreender um problema significava situá-lo em sua gênese dialética.

Vigotski expõe a sua intenção frente à doutrina de Marx nos seus cadernos não publicados, demonstrando a autonomia intelectual que caracterizaria a sua fértil produção: “não quero descobrir a natureza da mente fazendo uma colcha de inúmeras citações. O que eu quero é, uma vez tendo aprendido a totalidade do método de Marx, saber de que modo a ciência tem que ser elaborada para abordar o estudo da mente” (*apud* COLE &

⁹ A teoria da Gestalt (do alemão *Gestalttheorie*, teoria da forma) é um princípio psicológico segundo o qual percebemos sempre um conjunto de elementos. Por exemplo, quando vemos algo, vemos ao mesmo tempo uma certa forma, uma certa cor, uma certa distância. A esse conjunto percebido como um todo organizado, chamamos de *forma*, cuja significação representa uma configuração, estruturação ou organização (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2006, p. 121).

SCRIBNER, 1991, p. 9). A manifesta e consciente adoção do marxismo como substrato teórico não impediu Vigotski de angariar elementos advindos de outras correntes psicológicas. A psicologia científica de Vigotski pressupunha uma crítica ao reducionismo dos estudos psíquicos às categorias marxistas cristalizadas; entretanto, sua crítica recaía também sobre as tentativas de utilização do marxismo em teorias psicológicas que lhe fossem estranhas, e,

[...] ao contrário daqueles que, atualmente, identificam como dogmatismo a adoção firme e explícita de uma corrente teórica e, por consequência, identificam como abertura de espírito a ausência de posicionamento firme e explícito, Vigotski entendia que a clareza quanto aos fundamentos centrais do marxismo e a adoção firme desses fundamentos é que poderia possibilitar aos psicólogos marxistas não se fecharem às questões formuladas por correntes não marxistas da psicologia (DUARTE, 2000b, p.81).

Não obstante a indiscutível influência de Marx no pensamento de Vigotski, o fato de pouco citá-lo de forma direta nas suas obras mais conhecidas serve como subterfúgio para aqueles que pretendem desvinculá-lo de qualquer resquício de uma tendência marxista. Fazem isso, primeiramente tentando separar os trabalhos de Vigotski dos de Leontiev, imputando a esse último o rótulo de mero “repetidor do discurso oficial, alguém que cedeu à pressão dos ‘guardiões ideológicos’ do marxismo soviético” (DUARTE, 2000a, p. 163). Apontam erroneamente a inclinação de Leontiev a uma pretensamente marxista dicotomia entre linguagem e trabalho, embora tal separação inexistia tanto em Marx quanto em Leontiev e Vigotski, que desenvolveram seus trabalhos no interior de uma mesma corrente da psicologia, apoiada em fundamentos filosóficos marxistas.

Todavia, qualquer leitor com um conhecimento elementar sobre os princípios filosóficos do marxismo será capaz de percebê-los perfeitamente integrados às doutrinas expressas pela psicologia histórico-cultural. Assim, é realmente de se estranhar que tantos pesquisadores se esforcem por vincular Vigotski a correntes de pensamento que lhe são tão estranhas (afastando-a, por conseguinte, do marxismo), distorcendo completamente a sua linha de pesquisa e tornando a sua profunda teoria algo extremamente simplista e rasteiro. Tal iniciativa tem como objetivo resumir a teoria de Vigotski à ênfase nos signos, aproximando-a das concepções pós-estruturalistas que reduzem tudo ao embate de discursos (DUARTE, 2000a, 164).

4. O trabalho na perspectiva marxista e a sua relação com conceitos vigotskianos de atividade e mediação

Com efeito, não foi apenas o método marxista que influenciou as pesquisas de Vigotski, mas também alguns de seus conceitos. Podemos tomar como exemplo a discussão acerca do trabalho presente em Marx e Engels e que foi retomada e desenvolvida por Vigotski. No marxismo o trabalho aparece sob duas formas, que levam a resultados diametralmente opostos, a saber, como atividade essencial do ser humano e como promotor de alienação. Engels (1999, p. 04) identifica o trabalho como a condição básica e fundamental de toda a vida humana, a ponto de ser possível afirmar que o trabalho criou o próprio homem. Analogamente, Marx (2006, p. 117) concebe o trabalho como “atividade vital”, sendo que a vida produtiva é a vida genérica do homem: enquanto o animal identifica-se prontamente com a sua atividade, pois ele é a sua própria atividade; o homem “faz da atividade vital o objeto da vontade e da consciência. Possui uma atividade vital lúcida”. Por conseguinte, conforme Duarte (2004, p. 47), é possível afirmar que o homem age livremente na medida em que os processos sociais sejam fruto de decisões coletivas e conscientes.

E é exatamente na ação sobre o mundo objetivo que o homem se manifesta como verdadeiro ser genérico (MARX, 2006, p. 117), ou seja, a natureza aparece para o homem como a sua imagem consubstanciada através do trabalho (objetos, ferramentas, linguagem, costumes). Nas palavras de Fromm (1979, p. 35), para Marx “a História é a história da autorealização do homem; ela nada mais é que a autocriação do homem por intermédio de seu próprio trabalho e produção”. Através da sua intervenção na natureza, criando meios para a satisfação de suas necessidades, o homem distanciou-se dos animais (cuja relação com a natureza é direta e imediata), constituindo-se como tal através do trabalho. Os processos dialéticos que diferenciam os homens dos animais são, portanto, aqueles capazes de produzir historicidade: para o marxismo o trabalho enquanto instrumento mediador entre homem e natureza é a gênese da história.

Todavia, o trabalho alienado subverte essa relação, pois o homem ao deixar de ser dono do fruto do próprio trabalho (a alienação do trabalhador em seu objeto), e também da própria atividade, na medida em que durante a jornada de trabalho não é senhor de si

mesmo (alienação do processo de produção), acaba por não mais se reconhecer e nem se afirmar através daquilo que produz, deixando de ser ator da própria história. A alienação leva o ser genérico do homem a transmutar-se em instrumento da sua sobrevivência, fazendo-o perder a essência daquilo que o difere dos animais, na medida em que abandona a sua atividade vital consciente.

Vigotski, por seu turno, entendia que a atividade não era simplesmente uma resposta ou reflexo, mas implicava um componente de transformação do meio através de instrumentos. No decurso da história as aptidões, os conhecimentos e o saber prático do homem, consubstanciaram-se nas suas realizações (materiais, intelectuais, estéticas) (LEONTIEV, 1978, p. 265). Dessa forma, o homem se relaciona com a realidade que o cerca através do conhecimento construído pelas gerações que o precederam, isto é, mediado pelos instrumentos materiais e simbólicos presentes na cultura. Com efeito, o conceito de atividade se encontrava estreitamente ligado ao conceito de mediação (RIVIÈRE, 1985, p. 41). A concepção de atividade mediada por instrumentos representa a retomada da ideia marxista clássica de que a especialização das ações realizadas tendo as mãos como “ferramentas”, trouxe ao homem a possibilidade do exercício de atividades especificamente humanas, pois “foi o passo decisivo para a transição do macaco ao homem” (ENGELS, 1999, p. 05).

Ao estender o conceito de mediação, do âmbito da interação homem/ambiente através de instrumentos, para a esfera do uso de signos, Vigotski atualiza o seu significado e ao mesmo tempo potencializa o seu alcance. No que se refere à relação entre linguagem e atividade mediada pelo uso de instrumentos, Vigotski (1991, p. 27) aponta que o momento decisivo “no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem”. Essa conclusão nos parece muito próxima àquela que Engels chega ao analisar a gênese da linguagem, na qual a convergência entre a ação transformadora do trabalho e as potencialidades geradas pelo desenvolvimento linguístico foi decisiva na constituição do homem enquanto tal, reforçando aspectos da sociabilidade. A resolução conjunta de problemas relacionados com a sobrevivência do grupo, mediante ao trabalho coletivo, pressupunha a possibilidade de intercomunicação, gerando um desenvolvimento que seria

plasmado enquanto cultura. Afirma Engels (1999, p. 12) que “primeiro o trabalho, e depois dele e com ele a palavra articulada, foram os dois estímulos principais sob cuja influência o cérebro do macaco foi-se transformando gradualmente em cérebro humano”. Conforme Duarte (2000a, p. 164), na concepção marxista a linguagem só pode existir como elemento integrante da prática social, produzido e reproduzido no seu interior. Assim, Vigotski teria empreendido nos termos de hipóteses genéticas concretas as afirmações filosóficas de Marx e Engels, conferindo-lhes legitimidade empírica mediante procedimentos experimentais.

Percebe-se claramente no paralelo estabelecido entre as pesquisas de Vigotski e as ideias marxistas, que o homem, embora amplamente influenciado por questões de ordem biológica, é um ser socialmente constituído que constrói a si mesmo de forma consciente através da sua ação sobre a realidade. Conforme Rivière (1985, p. 41), o sujeito não se faz de dentro para fora, não é um reflexo passivo do meio nem um espírito anterior a si mesmo que entra em contato com as coisas e pessoas, ao contrário, é o resultado de uma relação. Nas palavras de Vigotski (2000, p.33), o homem é “a personalidade social = o conjunto de relações sociais, encarnado no indivíduo (funções psicológicas, construídas pela estrutura social)”.

A ideia de mediação (instrumental e simbólica) estava intrinsecamente ligada à gênese histórico-cultural das funções psicológicas superiores, que não possuem somente uma origem natural, mas acima de tudo uma história social (RIVIÈRE, 1985, p. 42). Em última análise, para Vigotski o pensamento psicológico de cada indivíduo é parte e resultado da evolução geral da humanidade, todavia, esse desenvolvimento não se dá de forma isolada, mas pressupõe diacronicamente todo o caminho precedente da história humana e sincronicamente a participação do indivíduo na vida da sociedade (MANACORDA, 1992, p. 324/325). Transliterada para o âmbito da psicopedagogia a concepção de que a personalidade e a individualidade crescem por meio da socialização se traduz na ideia de que as crianças possuem potencialidades cognitivas que transcendem seu estágio intelectual imediato, ou seja, possuem uma “zona de desenvolvimento proximal”. Sob essa perspectiva a educação não pode ser pensada somente no que tange ao nível de desenvolvimento mental efetivamente apresentado pela criança, mas deve ater-se principalmente em conhecer e estimular o seu nível potencial.

Se no ideário marxista o trabalho foi determinante na transformação do homem em um ser histórico, isto é, criador da própria história e a ela indissociavelmente ligado, e os modos de produção (na oposição entre os atores das relações de produção) se sucedem em uma relação dialética, é lícito afirmar que as concepções psicológicas da teoria histórico-cultural, centradas em princípios essenciais do marxismo, nos apresentam indicações no sentido de superar as contradições do sistema capitalista, especialmente a alienação em todas as suas formas. O desenvolvimento dos indivíduos se encontra condicionado à sua interação entre si e com o meio em que atuam, ou seja, o ambiente econômico e sócio-cultural torna-se um fator determinante: quanto mais pobre for o universo simbólico de um indivíduo, tanto menores serão as possibilidades de um desenvolvimento pleno das suas funções psicológicas superiores. Vigotski reitera a complexidade da formação da personalidade humana, apontando

[...] o caráter de classe e as distinções de classe como responsáveis pela formação dos tipos humanos. As várias contradições internas, as quais se encontram nos diferentes sistemas sociais, encontram sua expressão acabada tanto no tipo de personalidade, quanto na estrutura do psiquismo humano de um período histórico determinado [...]. De tudo isso resulta não só que o tipo humano autenticamente único diferencia-se e fragmenta-se em vários tipos, de diferentes classes sociais – como estes, por sua vez, permanecem em agudo contraste entre uns e outros –, mas também a corrupção e a distorção da personalidade humana, assim como a sua sujeição a um desenvolvimento inadequado, unilateral, no interior mesmo de todas essas diferentes variantes tipológicas humanas (VIGOTSKI, 1930, p. 3).

A percepção de que a separação dos indivíduos em classes possui um destacado papel na formação da personalidade individual ratifica a ideia marxista da necessária tomada de consciência do proletariado enquanto classe, em cujas mãos repousam as possibilidades de uma radical transformação na configuração das relações sociais e produtivas. A superação das contradições do capitalismo e a gênese de uma estrutura sócio-produtiva que apresente novos paradigmas nas relações de trabalho criariam um novo homem (VIGOTSKI, 1930, p. 12), sendo que o salto para essa nova composição humana seria tão contundente quanto a passagem do homem primitivo, centrado na ação imediata e instintiva sobre o meio, para o homem histórico, criador e criatura de uma realidade social historicamente constituída. Para tanto, Vigotski (1930, p. 10) aponta o caráter central da

educação no processo de transformação do homem, visando superar a divisão entre pensamento e ação, entre trabalho físico e intelectual, separados durante o processo de desenvolvimento capitalista, e que hoje se mostra na tendência educacional de enfatizar a preparação para o mercado de trabalho em detrimento da formação plena do ser humano.

5. Considerações finais

Não há como separar Vigotski do marxismo, da mesma forma como seria impossível separar Marx da filosofia de Hegel. A influência de Marx e Engels sobre a ciência soviética é paradigmática, embora para alguns cientistas ela surgisse como meio (método de leitura da realidade sócio-histórica), enquanto para outros era interpretada como princípio e fim de toda a atividade científica. Vigotski e os demais membros da corrente histórico-cultural da psicologia tiveram a coragem de empreender uma leitura marxista dos fenômenos psíquicos, sem nunca enquadrá-la hermeticamente na interpretação oficial (e obviamente particular) dos princípios marxistas.

A pretenciosa intenção de Vigotski era estabelecer um estudo psicológico amparado em um estatuto científico, fazendo convergir as correntes psicológicas antagônicas que poderíamos chamar genericamente de “naturalista” e “mentalista”. O desenvolvimento das funções psicológicas superiores, segundo Vigotski, não era nem puramente interno, nem se resumia às ações reflexivas, mas se configura na soma entre os fatores de ordem biológica e as relações que se estabelece com o meio social. O homem é, por conseguinte, um ser social, biológica e historicamente determinado, cuja ação consciente sobre a realidade o constrói e o firma como ser humano. Ademais, o conceito de zona de desenvolvimento proximal enfatiza o caráter social do desenvolvimento intelectual, centrando na ação pedagógica o estímulo do que potencialmente uma criança pode desenvolver, para que a educação não se atenha somente ao nível em que efetivamente ela se encontra.

As tentativas de relativizar a contribuição de Leontiev e, conseqüentemente a de Marx, ao pensamento de Vigotski representam uma iniciativa no sentido de legitimar a ideologia dominante. Mediante ao enfraquecimento do elo que une uma teoria tão

significativa e atual quanto a vigotskiana com a matriz marxista que lhe serve como base¹⁰, minimiza-se a possibilidade do seu uso em uma ação contra o degradante processo de alienação denunciado por Marx. O preconceito em relação ao marxismo, perpetuado no senso comum pela ignorância dos seus pressupostos básicos, faz com que se olhe com reservas tudo o que se relacione a Marx, ou que foi por ele inspirado. Não se trata de questões de ordem metodológica ou intelectual, mas de questões ideológicas: Marx é visto como o demônio responsável por todos os erros cometidos nos países socialistas.

Aparentemente, a inegável orientação marxista de Vigotski, e as implicações teóricas decorrentes disso, desencorajam o estudo da teoria histórico-cultural, daí a necessidade de mutilar a sua obra, subvertendo e simplificando os seus pressupostos. Dessa forma, resgatar o estatuto marxista da obra de Vigotski nos parece essencial para compreendermos todas as suas perspectivas, potencializando sobremaneira o seu alcance. Ler Vigotski a partir de uma perspectiva que exclua os aportes marxistas é lê-lo pela metade, é ignorar a sua profunda preocupação com a realização plena do ser humano, que está presente tanto em Marx e Engels quanto em qualquer marxista autêntico.

Referências

- CARMO, M. do; JIMENEZ, S. *Psicologia histórico-cultural: indicações para uma leitura marxista de Vigotski*. Contrapontos. Itajaí, vol. 07 - n. 2, maio/agosto 2007, p. 283-297.
- COLE, M.; SCRIBNER, S. Introdução. In: VYGOTSKY, Lev Semionovich. *A formação social da mente*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- DUARTE, N. *As pedagogias do “aprender a aprender”: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana*. Campinas: Editora Autores Associados, 2000a.
- _____. *A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: A dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar*. Educação & Sociedade. n° 71, junho 2000b, p. 79-115. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a04v2171.pdf>
- _____. *Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev*. Caderno Cedes, Campinas, Vol. 24, n° 62, p. 44-63, abril de 2004.
- ENGELS, F. *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. eBooksBrasil.com, 1999. Disponível em:
http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/F_ANGELS.pdf>

¹⁰ Uma análise profunda e esclarecedora sobre as tentativas de arregimentação da psicologia de Vigotski por correntes “pós-modernas” pode ser encontrada em Duarte (2000a).

- FROMM, E. *Conceito marxista do homem*. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- JAPIASSU, H; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.
- MARX, K. *O Capital. Volume I, Crítica da economia política*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1995.
- _____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- RIVIÈRE, A. *La psicologia de Vygotski*. Madrid: Aprendizaje Visor, 1985.
- VYGOTSKY, L. S. *A transformação socialista do homem*. In VARNITSO, 3, p. 36-44, 1930. Trad. Roberto Della Santa Barros. Disponível em:
http://www.pstu.org.br/cont/subjetividade_vigotski.pdf
- _____. *A formação social da mente*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. *Pensamento e linguagem*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. *Manuscrito de 1929*. Educação & Sociedade, nº 71, Julho/2000, p. 21-44. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a02v2171.pdf>>